

O Sentido da Vida, a Morte, a Eternidade: Uma Leitura de Mircea Eliade

“A morte é uma iniciação, uma introdução a um novo modo de ser”.

Mircea Eliade

Sabemos que o Prof. Dr. Ivan Antônio de Almeida deixou um legado de reflexões para seus alunos e para os que com ele conviveram.

Ivan Antônio foi um estudioso das ciências humanas que considerava a obra de Mircea Eliade e a compreensão do universo do sagrado uma necessidade profissional, em especial ao historiador das religiões. Apontava o fato de Eliade “ter produzido uma vasta obra e convivido com pessoas marcantes como Brancusi, Eugene Yonesco, (seus conterrâneos), Carl Gustav Jung, Gershom Sholem, Van der Leew, Henri Corbin e Jean Daniélou” (ALMEIDA, 2007). Incentivava a todos a leitura deste autor, e era inconformado com as poucas publicações existentes no mercado editorial brasileiro.

Assim, eu trouxe na década de 1990, em minha mala de volta de uma viagem a Portugal, livros da obra de Eliade em edição portuguesa para Ivan Antônio; depois, junto com ele, assinaliei passagens importantes da obra de Eliade, referência na minha tese de doutorado.

Segundo Eliade (s/d.b), o homem possui duas maneiras de existir no mundo: uma des-sacralizada, não religiosa, profana; a outra sacralizada, religiosa, sagrada. Na maneira sacralizada, nenhum ato se resume no ato em si mesmo ou em uma resposta simplesmente fisiológica: todo ato ou é “ou pode tornar-se um “sacramento”, uma comunhão com o sagrado” (ELIADE, s/d, p. 28). De acordo com esse autor “o sagrado se manifesta” (Idem, p. 25): o homem primitivo vivia num mundo sacralizado, todo o Cosmos é sacralizado: todos os homens, tudo o que existe no mundo vegetal e no mundo animal participa de uma “sacralidade cósmica”.

Na verdade, a manifestação do sagrado “funda ontologicamente o mundo”. Não era possível, para o homem primitivo, outra referência: nada podia ser começado, nada podia ser feito sem uma orientação prévia, sem um referir-se ao sagrado (ELIADE, s/d, p. 36).

Minha referência na psicologia é Carl Gustav Jung. E para Jung (1988) a religião é uma das expressões mais antigas e universais da alma humana. Ele nos diz que há no inconsciente uma função religiosa, e que devemos observar o simbolismo religioso dos processos inconscientes no contexto da psicoterapia. *Religio*, segundo Jung (1988), significa reler atentamente os fatos, com uma observação cuidadosa de certos fatores que agem sobre o homem e sobre o seu estado geral.

Nos nossos tempos modernos, o homem carece de sentido, seus gestos mecânicos e repetitivos na correria da vida não têm mais significado, o que, de acordo com Jung (1988), desempenha e quase determina um papel fundamental no aparecimento da neurose.

A neurose da nossa época, para Jung, é decorrente de um sentimento cada vez maior de inutilidade, e de um vazio religioso. A questão do sentido da vida é, na visão junguiana, uma perspectiva religiosa, do *religere* – reler atentamente os fatos, e *religare* – religar-se ao Maior, ao Divino, ao Espírito. A religiosidade, dentro de uma perspectiva junguiana, é uma maneira de expressão necessária e natural ao ser humano.

Jung (1988) afirma que “a psiconeurose, em última instância, é um sofrimento de uma

alma que não encontrou o seu sentido”, e salienta, que “o homem carece de experiências vivas em torno da crença, da esperança, do amor e do conhecimento, e que temos que tentar um caminho de aproximação rumo a estas experiências” (p. 332, parágrafo 497). Experiências que podem assumir um caráter religioso, acrescentaria.

Creemos que ao se dar abertura e atenção a experiências de caráter religioso, possivelmente estaremos caminhando em direção ao *homo religious* existente em nós, estaremos mais atentos ao nosso processo de individuação, e observe-se, então, que temos a capacidade de “nos reconciliarmos com o mistério de que o espírito é a vida do corpo, vista de dentro, e o corpo é a revelação exterior da vida do espírito” (JUNG, 1993, p. 97, parágrafo 195).

Jung (1988) tem como ponto de partida para muitos de seus trabalhos “a psicologia do *homo religious*, do homem que considera e observa cuidadosamente certos fatores que agem sobre ele e sobre seu estado geral” (Idem, p. 5, parágrafo 11).

E por quê? Porque o homem possui consciência, e uma contínua ampliação da consciência – sua tarefa metafísica – faz do homem o único ser capaz de perceber seus sentimentos e dar sentido às coisas.

E para quê? Acreditamos que para o homem atribuir significados aos seus gestos, ressignificar a todo instante a sua vida, propiciar a cura de seu corpo e de sua *psique*; entendendo aqui a palavra significado, não de maneira abstrata relacionada ao signo ou representação, e sim na maneira apontada por Edinger (1989). Para este autor, significado refere-se a um estado psicológico que traz luz a uma vida, uma experiência profunda e significativa, carregada de afeto, sentimentos, emoções. O significado percebido de maneira subjetiva, viva, que “nos põe em relação orgânica com a vida como um todo”. Sonhos, mitos, ritos, manifestações artísticas transmitem “essa sensação de significado subjetivo e vivo” (EDINGER, 1989, p. 156).

Para que o homem possa buscar a si mesmo, estar atento ao seu centro interior: *self* ou “*si mesmo*”, é necessário tornar-se “aquilo a que veio para ser no seu processo de individuação” (SANDOR, 1991). O processo de individuação, na perspectiva junguiana, seria como um acordo entre “a semente inata da totalidade” e o destino com suas circunstâncias externas, com a intervenção de “alguma força suprapessoal”... o “Grande Homem que vive em nosso coração”, e nos guia através do inconsciente de acordo “com um desígnio secreto” (VON FRANZ, s/d, p. 162).

O centro é um dos quatro símbolos fundamentais, junto com o quadrado, a cruz, o círculo (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1989), e a relação centro/eixo faz do centro um símbolo ainda complementar a outros, como no centro do mundo se encontra a montanha sagrada, todo o templo, ou palácio ou cidade sagrada tem um centro ou se encontra num centro, no *axis mundi* – centro do mundo – ponto de junção entre céu, terra e inferno, onde se eleva a árvore da vida (ELIADE, 1991).

Ivan Antonio afirmava que para Eliade “*toda religião tem um ‘centro’, ou seja, uma concepção central que anima toda coleção de mitos, rituais e crenças*” (ELIADE, 1989, p. 24). Cabe ao historiador das religiões, ou mesmo ao “*simples estudioso do tema, descobrir este ‘centro’ e procurar entender a religião a partir dele*”, o que poderá levar a uma busca do seu próprio centro, no qual o indivíduo vai “*refletindo sobre o significado da sua própria existência no mundo*”, e ainda, “*o estudo da temática religiosa vai provocar uma mudança no próprio pesquisador*” (ALMEIDA, 2007).

Conforme Eliade (s/d), existem também dois tipos de tempo: o tempo profano e o tempo sagrado. O profano pode ser estagnado periodicamente pela inserção de um tempo sagrado; por meio de uma ruptura no tempo profano, o tempo sagrado é reatualizado, santificado pelos deuses, tornado presente pelo rito. Tendo estas duas espécies de tempo, o homem religioso passa de uma dimensão para outra – da duração temporal ordinária para o tempo sagrado, numa continuidade e sem perigo, por meio do rito. Também por meio do rito há uma qualidade “trans-humana” no tempo que pode ser homologada à Eternidade (ELIADE, s/d, p. 81-83).

Todo o ritual funerário aborda questões de uma realidade trans-humana, “*os ritos funerários prolongam uma tradição arcaica que foi assimilada pelo cristianismo oriental e que continua a ser respeitada*”. A morte representa “*um momento em que a comunidade inteira e não apenas a família ou a igreja tomam a seu cargo o destino e o dever da alma, a fim de que ela possa aceder à sua realização no outro mundo*” (BACOU, 1993).

Quando o Prof. Diego Omar me convidou para escrever este texto e ajudar a compor este encarte especial da *Cadernos de História*, fiquei muito emocionada. Na memória saltou-me a cena em que nos conhecemos pessoalmente em meio a lágrimas de saudade e de admiração, no velório do Prof. Ivan Antônio de Almeida, visto que nos conhecíamos um ao outro em histórias contadas pelo Ivan.

Assim como Mircea Eliade, Ivan Antônio de Almeida tem sido homenageado em diversas ocasiões após sua morte. Esta revista eletrônica é uma delas, e é uma oferenda aos que o conheceram, e aos que ainda podem conhecê-lo por meio dela. “*A prece e a oferenda completam-se*” (BACOU, 1993).

Para mim, o lançamento desta revista é mais uma parte do rito, do sagrado rito da vida e da morte, da busca do significado de nossas vidas, que tanto Mircea Eliade, Carl Gustav Jung e Ivan Antônio de Almeida assinalavam. De uma vida que traga sentido.

A vida de Ivan Antônio trouxe conhecimento e sentido a muitas pessoas! Fui privilegiada com sua convivência constante, em momentos muito importantes na minha vida. Continuamos de certa maneira esta convivência através de seus filhos Dario e Ana Luísa, seu neto Gabriel, sua mãe Ruth. Continuamos a nos encontrar nas lembranças da sua risada gostosa, da sua lucidez, e nas histórias contadas em meio a pessoas especiais que conhecemos através dele.

Em meio a um sonho acordei chorando de saudade, em que Ivan Antônio, sorrindo, me dizia que estava bem e que também sentia saudades de todos!

Você, Ivan, foi um professor, um guia nos caminhos da vida, um parceiro de estudos, um amigo no dia-a-dia, um primo de mentira (pela coincidência do sobrenome – nos ‘fizemos’ primos), um irmão de verdade.

A gente se encontra, no infinito, na eternidade!

BIBLIOGRAFIA:

- ALMEIDA, I. A. *Mircea Eliade e nós: leitores, estudiosos e pesquisadores das ciências humanas*. Texto apresentado para debate na reunião do *Fórum Experiências Religiosas: Estudos Interdisciplinares*, 2007.
- ALMEIDA, L. H. H. *Danças circulares sagradas, imagem corporal, qualidade de vida e religiosidade: uma abordagem junguiana*. Tese (Doutorado em Ciências Médicas). Campi-

- nas: UNICAMP, 2005.
- BACOU, M. “A oferenda da palavra”. In: SCHWARZ, Fernand; DURAND, Gilbert; MORIN, Edgar (et. al.). *Mircea Eliade: o reencontro com o sagrado*. Lisboa: Nova Acrópole, 1993.
- CHEVALIER, J. & GHEERBRANT. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução de Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- EDINGER, Edward F. *Ego e arquétipo. A individuação e a função religiosa da psique*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Tradução portuguesa. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.
- _____. *Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. Tradução de Sônia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- JUNG, Carl Gustav. *Psicologia da religião ocidental e oriental*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- _____. *Psicologia em transição*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- SANDOR, P. *Comunicação pessoal à seus alunos*. Instituto “Sedes Sapientiae”. São Paulo, 1991.
- VON FRANZ, Marie Luise. “O processo de individuação”. In: JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. 8º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

Lúcia Helena Hebling Almeida é doutora em Ciências Médicas (Saúde Mental) pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professora colaboradora do Laboratório de Saúde Mental, Espiritualidade e Religiosidade (LASER) do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp.